

# Apresentação de “A Guerra Civil nos Estados Unidos (1861-1865)”

MUNIZ FERREIRA\*

Os escritos incluídos nesta breve coletânea foram publicados originalmente por Marx e Engels na imprensa norte-americana e europeia entre os anos de 1861 e 1865. Posteriormente, foram reunidos a vários outros trabalhos em uma compilação publicada em Paris, no ano de 1970, pela Union Générale d’Éditions, com tradução e apresentação de Roger Dangeville. A mesma série de escritos, com exceção da “Mensagem da Associação Internacional dos Trabalhadores ao presidente Johnson”, foi publicada no volume 19 das *Karl Marx and Frederick Engels Collected Works*, impressas na URSS, em 1983, pelas edições Progresso e publicadas em Londres, no ano de 1984, pela Lawrence & Wishart, em um esforço editorial que contou com um coletivo de tradutores e editores encabeçado por Eric Hobsbawm. O trabalho aqui apresentado é uma tradução da edição francesa, cotejada com o texto das *Collected Works*.

Trata-se de um conjunto de textos que Marx e Engels dedicaram à apreciação dos problemas políticos, econômicos e militares relacionados à Guerra Civil dos Estados Unidos (ou Guerra da Secessão), transcorrida entre 1861 e 1865, período em que ocorreram também essas publicações. Redigidos, em sua ampla maioria, como artigos jornalísticos e divulgados por periódicos do velho e do novo mundo, como o jornal republicano nova-iorquino *New York Daily Tribune* e a folha liberal progressista vienense *Die Presse*.

Embora Marx tenha sido correspondente do *Tribune* na Europa desde o início dos anos 1850, o artigo “A questão americana na Inglaterra”, de outubro

---

\* Professor de História da UFRRJ. E-mail: munfer@terra.com.br.

de 1861, foi um dos últimos registros da colaboração dos pensadores revolucionários alemães com a publicação, uma vez que as próprias dificuldades geradas pelo desenvolvimento da guerra civil conduziram ao fim da parceria em março do ano seguinte.

A título de ilustração, cabe sinalizar a relevância da colaboração de Marx no jornal nova-iorquino para pagamento das despesas familiares, importância sublinhada por sua esposa, Jenny Marx, em suas memórias. Ela revela que, ao transcrever os artigos escritos por ele para o jornal – requisito indispensável devido à sua péssima caligrafia –, mantinha-se a par dos assuntos internacionais:

Durante o ano de 1853, Marx escrevia regularmente dois artigos para o *Tribune*, que causavam uma grande impressão na América. Graças a essa remuneração fixa, pudemos pagar a maior parte de nossas velhas dívidas e viver com menos ansiedade. [...]

Afortunadamente eu ainda tinha que copiar um artigo para o *Tribune* duas vezes por semana, e isto me mantinha *au courant* dos acontecimentos mundiais. (Marx, J., 1975, p.134, 136)

Em outra passagem, destaca o prejuízo econômico provocado pela interrupção da colaboração remunerada naquele órgão de imprensa no início dos anos 1860:

O *Tribune* informou a Marx que se via obrigado, por circunstâncias financeiras, a prescindir de seus correspondentes, e que, naquele momento, não necessitava da colaboração de Karl. *Esse* golpe foi tanto mais doloroso quanto se haviam esgotado todas as demais fontes de ingressos [...]. (Ibid., p.140)<sup>1</sup>

O *New York Daily Tribune*,<sup>2</sup> fundado em 1841 e publicado até 1924, orientava-se por posições liberais de esquerda até meados dos anos 1850, quando se tornou órgão do Partido Republicano. A colaboração de Marx e Engels foi intermediada pelo escritor e jornalista Charles Dana, a quem Marx conhecera na Alemanha, no final dos anos 1840. Editor do periódico ao longo de todo o período de colaboração de Marx e Engels, Dana fora fortemente influenciado pelas ideias dos chamados utopistas durante sua permanência na Europa, na década de 1840. Quando foi deflagrada a Guerra Civil norte-americana, o *Tribune*, coerente com a posição adotada pelo Partido Republicano, perfilou claramente ao lado das forças abolicionistas, apoiando os estados setentrionais em sua luta contra a secessão

1 Se acrescentarmos as informações acerca da centralidade da atividade periodística na vida profissional de Marx nesse período ao exame de sua trajetória anterior (1844-1848) como colaborador de publicações como a *Reinische Zeitung*, *Neue Reinische Zeitung* e *Französische-Deutsche Jahrbücher*, seremos levados, sem muito esforço, à conclusão de que o jornalismo foi, no conjunto de sua vida, a principal atividade profissional de Marx.

2 Doravante apenas *Tribune*.

sulista. Entretanto, em virtude de dificuldades financeiras sofridas no curso do conflito, dispensou todos os seus colaboradores internacionais, interrompendo sua correspondência com Marx em 1862.

Uma das principais intenções de Marx e Engels ao redigirem seus artigos sobre a Guerra Civil estadunidense nos veículos da imprensa europeia foi informar a opinião pública sobre suas verdadeiras motivações. Polemizou abertamente com a abordagem de alguns órgãos noticiosos, que escamoteavam a confrontação entre o projeto de expansão do escravismo dos secessionistas e a plataforma abolicionista dos partidários da União, atribuindo a questões tarifárias e à disputa entre nortistas e sulistas pelo controle do governo dos Estados Unidos como as causas da guerra. Para Marx, o conflito entre o Norte industrial e burguês e o Sul oligárquico e escravista era não apenas inevitável, mas também a força motriz da história estadunidense durante meio século.

Ao analisar o conteúdo das duas distintas formações que coexistiam no mesmo território nacional, Marx constatou que a baixa produtividade relativa da produção escravista do Sul – *vis-à-vis* com a concorrente industrial do Norte – exigia, para se tornar remunerativa, a exploração de amplos contingentes de escravos e a incorporação sistemática de novas extensões de solo fértil, conferindo à escravidão sulista um caráter tendencialmente expansionista. Para que aquela classe formada por uma minoria de grandes proprietários fundiários mantivesse sua dominação sobre uma maioria de brancos pobres, destituídos de terra, uma condição era imprescindível: a corrupção ideológica dos despossuídos pelos oligarcas escravistas, que lhes acenavam a possibilidade de, a partir da obtenção de novos territórios, virem a se transformar, também eles, em senhores de escravos.

Por outro lado, observava Marx, a coisificação e a impiedosa exploração dos trabalhadores escravizados pelos latifundiários do Sul estabeleciam uma base objetiva para a intensificação da exploração da força de trabalho dos operários assalariados do Norte e uma ameaça ao reconhecimento de quaisquer de seus direitos constitucionais. Em outras palavras, para Marx e Engels, a existência da escravidão nos estados do Sul não era uma excentricidade inofensiva e passível de coexistência, mas sim uma força expansionista e reacionária, exercendo uma influência nociva e corruptora sobre o conjunto da formação social estadunidense.

Em seus esforços para oferecer ao público uma caracterização mais precisa e objetiva da natureza da Guerra Civil americana, Marx e Engels não pouparam críticas às principais publicações da imprensa britânica. Em quase todos os textos incluídos nessa coletânea, particularmente nos artigos “A questão americana na Inglaterra”, “A imprensa inglesa e a queda de New Orleans”, “Mistificações jornalísticas em Londres – consequências econômicas da guerra”, são veementes as críticas contra as posturas adotadas por alguns jornais ingleses ante as forças em confronto naquela contenda. Além da intenção de restabelecer as verdadeiras causas do conflito, dissipando as nuvens da desinformação produzida pelos periódicos ingleses, como visto acima, os autores desmascaravam o apoio dissimulado

à causa escravocrata, levando ao público censuras severas aos propósitos e ações das forças unionistas do Norte, combinadas, como já foi dito, à diluição dos verdadeiros objetivos das forças meridionais.

Este conjunto de escritos oferece ao leitor de nosso país uma oportunidade pouco comum de avaliar o posicionamento de Marx e Engels diante da problemática da escravidão negra nas Américas. A esse propósito, penso ser necessário ressaltar que o conjunto de textos aqui apresentados, embora bastante representativo do posicionamento abolicionista de Marx e Engels, nem de longe esgota o repertório de seus escritos que condenam a escravidão colonial e defendem a emancipação das populações escravas e escravizadas nas Américas e na África. Em um artigo publicado no *Tribune*, em 2 de julho de 1858, acerca do comércio de escravos para Cuba feito pela marinha espanhola, Marx se manifestava nos seguintes termos:

No que se refere ao comércio de escravos propriamente dito, a Espanha foi denunciada pelo bispo de Oxford, e também pelo Lord Brougham, como o principal esteio daquele tráfico nefando. [...] Somente dez anos depois a tal lei foi aprovada; porém, por um infortúnio singular, a principal cláusula sustentada pela Inglaterra não foi incluída. Nomeadamente aquela que tornava o tráfico escravo um ato de pirataria. Em uma palavra, nada foi feito exceto que o capitão-geral de Cuba, o ministro do Interior, a Camarilla e, se os rumores dizem a verdade, figuras da própria família real instituíram um imposto privado a ser pago pelos escravocratas em troca da concessão de uma licença para comercializarem carne e sangue humano ao preço de algumas moedas por cabeça.

Nesse mesmo artigo, ao denunciar o papel desempenhado por Luís Bonaparte, então imperador dos franceses, na proteção ao comércio de escravos, ele afirma:

Converter a França em uma nação de comerciantes de escravos era a maneira mais segura de escravizar a própria França, o país que havia tido a grandeza de proclamar diante do mundo: Que as colônias pereçam, mas que vivam os princípios! Uma coisa pelo menos foi conseguida por Bonaparte, o comércio de escravos se tornou um grito de guerra na disputa entre os partidários do Império e os defensores da República. Se a República Francesa for restaurada hoje, amanhã a Espanha será obrigada a abandonar o tráfico nefando.

Em outro texto, publicado em setembro de 1865, após a abolição da escravidão em todo o território estadunidense, elaborado em nome da Primeira Internacional e dirigido ao povo dos EUA, pode-se ler o seguinte:

Devemos agora congratulá-los, pois a causa destes anos de sofrimento foi eliminada. A escravidão não existe mais. A mancha sombria que maculava vosso escudo de

armas, justo sob outros aspectos, foi removida para sempre. Nunca mais o vendedor de escravos apregoará o comércio de carne e sangue humanos nos mercados públicos, chocando a humanidade com essa insensível barbárie. (Marx, K., 1964)

Colocando-se abertamente a favor da emancipação dos escravos, Marx e Engels não se eximiram de criticar, através da imprensa, as tendências conciliadoras e tendentes à capitulação existentes no próprio campo republicano nortista. Em artigos como “A destituição de Frémont”, “Crítica dos assuntos americanos” e “Crise na questão escravista”, “Tratado contra o comércio de escravos” e “Manifestações abolicionistas na América”, Marx condenava de forma contundente a indecisão e as vacilações dos círculos moderados do Partido Republicano do Norte dos Estados Unidos, sua inclinação para estabelecer compromissos com a oligarquia escravista do Sul e seu Partido Democrata. Subjaz nesses escritos o reconhecimento das limitações sócio-históricas da burguesia estadunidense, que a tornavam incapaz de realizar a “democracia americana” em sua plenitude – decantada anos antes por liberais europeus da estirpe de Alexis de Tocqueville –, concorrendo para a manutenção de uma “república contaminada” (*defiled republic*) na sociedade e no sistema político estadunidense pela vigência da “instituição nefanda”. Para Marx e Engels, a maneira consequente e radical de travar a guerra era através da proclamação de seu caráter abolicionista, emancipador e antioligárquico, de modo a mobilizar as massas de condição livre e aqueles que ainda permaneciam escravos para o desenvolvimento de uma guerra popular e revolucionária.

Já os aspectos propriamente bélicos do conflito não escaparam à atenta apreciação de Engels, arguto estudioso das questões militares. No artigo “A guerra civil americana e os navios encouraçados e blindados”, ele analisa o uso dessas embarcações como uma das maiores inovações bélicas daqueles anos, por unionistas e secessionistas. Avaliou as vantagens de seu emprego, comparou as possibilidades de produção e utilização desse tipo de embarcação pelo Sul escravista e pelo Norte industrial e prognosticou uma futura vitória da armada nortista sobre a marinha do Sul.

Porém, a categórica condenação de Marx e Engels ao regime escravista não se devia apenas a considerações de caráter econômico, político e humanitário. Na perspectiva que compartilhavam acerca das possibilidades do processo revolucionário internacional, Marx e Engels entendiam a Guerra Civil como um desdobramento histórico da Revolução Americana dos anos 1776-1783. Viam, no apoio do operariado europeu à causa abolicionista nos EUA, um momento importante na elevação do nível de sua consciência política, não apenas do ponto de vista do internacionalismo, mas, sobretudo, no fortalecimento da luta contra o capital em escala mundial. Eles também consideravam o triunfo das forças abolicionistas, e consequente emancipação dos escravos, um prelúdio da elevação do nível das lutas da classe operária europeia.

Essa compreensão é realçada no artigo “Uma união operária em Londres”, no qual Marx, ao comentar a realização de um comício operário, organizado para se opor à intervenção inglesa na Guerra Civil norte-americana (que ocorreria, inquestionavelmente, em favor do Sul e contra o Norte), destacava o elevado discernimento dos trabalhadores ingleses ao hipotecar o seu apoio à causa da União e à luta abolicionista, não obstante as terríveis privações que viviam em consequência da diminuição do comércio de algodão com os estados do Sul. Inversamente, criticava a estreiteza de interesses das classes dominantes inglesas ao atribuírem as dificuldades econômicas e sociais experimentadas pelo povo e os trabalhadores à adoção de medidas protecionistas pelos estados do Norte dos EUA e ao bloqueio econômico praticado por eles contra os estados do Sul.

Essa campanha tinha por objetivo granjear a antipatia da opinião pública contra os unionistas do Norte (ou federalistas, como são mencionados algumas vezes) e despertar a simpatia pelo Sul, preparando o terreno para uma intervenção militar inglesa a fim de acabar com o bloqueio econômico. Como afirmava Marx em missiva dirigida ao presidente Johnson, em nome da Associação Internacional dos Trabalhadores:

as classes operárias da Europa entenderam imediatamente, antes mesmo que o apoio fanático das classes dominantes europeias à oligarquia confederada houvesse lhes advertido que a rebelião dos senhores de escravos havia soado o alerta geral da santa cruzada da propriedade contra o trabalho, e que, para os homens do trabalho, o combate de gigantes travado do outro lado do Atlântico colocava em jogo não apenas suas esperanças no futuro, mas também suas conquistas do passado.

Os documentos aqui oferecidos ao leitor brasileiro, alguns veiculados pela primeira vez em nossa língua, constituem registros documentais das atitudes de Marx e Engels, revolucionários internacionalistas radicados na Europa, em face da luta pelo fim da escravidão nos Estados Unidos. Desmentindo afirmações infundadas e críticas mal-intencionadas, tais escritos apresentam um posicionamento claramente antiescravista, antioligárquico, abolicionista e favorável à emancipação dos trabalhadores e dos povos, perfilando-os ao lado das forças políticas, sociais e intelectuais mais avançadas do século XIX.

Mais que isto, suas atitudes não se limitaram a hipotecar um apoio abstrato e remoto, eles se engajaram, como articulistas de um jornal republicano-abolicionista e em folhas progressistas europeias, corroborando a causa da emancipação dos escravos, através do apoio às forças do Norte e da oposição aos arranjos dissimulados e à possibilidade de intervenção inglesa em favor do Sul escravista. Por fim, observamos que Marx, na condição de dirigente da primeira organização operária internacionalista da história, preconizou em seus escritos e buscou realizar em suas ações uma unidade essencial entre a luta emancipadora dos trabalhadores

escravos deste lado do Atlântico e a luta pelo fim da exploração capitalista dos operários europeus.

### **Referências bibliográficas**

- MARX, Jenny. Breve bosquejo de una vida memorable. In: PAYNE, Robert (Org.). *El desconocido Karl Marx*. Barcelona: Editorial Bruguera, 1975.
- MARX, Karl. To the people of the United States. *Minutes of the General Council of the International Workingmen's Association, 1864-1868*. Moscou: Progress Publishers, 1964.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

# CRÍTICA marxista

**Crise e relações de gênero**

Alex Demirović e Andrea Maihofer

**Análise crítica da "nova dialética"**

Cláudio Gontijo

**Rosa Luxemburgo: imperialismo e crise**

Eduardo Mariutti

**O mito do fracasso da URSS**

João Quartim de Moraes

**LEF: Cinema e revolução  
na Rússia soviética (Dossiê)**

François Albera, Ronaldo Rosas Reis e  
grupo LEF

# 40